

Varsóvia 9/12/2018

Caros convidados e Caros membros da comunidade académica da UALG.

Atendendo ao facto de celebrarmos 39.^o aniversário da UALG, permito-me apresentar aqui uma breve retrospectiva das minhas 3 décadas passadas na UALG, com 8 reflexões. Terei os meus proverbiais 5 minutos de atenção pública graças ao convite do Sr. Reitor que corajosamente acreditou na minha capacidade de dizer algo sensato nesse dia tão especial para UALG e também graças a simpatia da minha amiga Prof^a Delminda Moura que pôs à disposição a sua voz, salvando esta breve mensagem na sua parte sonora, da monocórdia que caracteriza as minhas intervenções orais.

Conheci o Algarve há 42 anos, três anos antes da promulgação da lei n.^o 11/79 que criou UALG. Em 1976 havia barcos de pesca em Albufeira, o veículo pessoal dominante era motorizada Casal Boss, as cozinheiras no restaurante discutiam as formas de luta contra as forças reacionárias e havia muitos *graffitis* do Movimento pela Independência do Algarve. Durante uma semana apreciei a beleza do nosso litoral, visitei o Maciço de Monchique que tinha conhecido dos manuais de petrologia e jurei que ia voltar aí.

Passados 12 anos voltei a Portugal para trabalhar na UTAD em Vila Real. Pensava que os meus apontamentos da faculdade e a experiência de 15 anos no Brasil, África e Bélgica eram suficientes para ministrar sem esforço as cadeiras que me couberam. **O grande erro!!** Tive de estudar novamente as disciplinas fundamentais, já que muito daquilo que tinha aprendido durante a minha licenciatura estava no sótão da Ciência. A começar pelas teorias dos místicos geossinclinais em que nasciam cadeias de montanhas, vítimas da aceitação inequívoca do movimento das placas litosféricas. Dei-me conta que para entender muito da geologia dita dura, era preciso estudar muito os processos marinhos, incluindo as vertentes biológicas, físicas e químicas.

Reflexão 1: O conhecimento é um produto perecível - nunca é tarde para aprender.

A UALG e a UCTRA com o seu perfil multidisciplinar, apesar de ser fundamentalmente biológico, pareciam um sítio ideal para fazer investigação e ensino interdisciplinares, centrados nos processos marinhos com escalas de tempo bem definidas. Passados 13 anos

desde a primeira visita, voltei ao Algarve, mais precisamente ao *Campus* de Gambelas, para discutir uma nova etapa da minha carreira académica que acabou de por se iniciar em 1990. Os anos 90 foram uma época dourada no desenvolvimento do setor académico nacional, impulsionado pelo investimento europeu. Seguindo as metas comunitárias, o Portugal teve como objetivo, formar nas universidades 45% dos jovens saídos do ensino secundário. A UALG criou e diversificou a sua oferta educativa de base, contratou a maior parte dos docentes e construiu as infraestruturas neste período. Em 1993, a UCTRA passou a oferecer 3 licenciaturas e 2 mestrados com a 4ª licenciatura (em Ciências do Mar) a começar a ser discutida. A investigação científica passou a dispor dos programas de financiamento separados e começaram a formar-se os centros de investigação. O CCMAR surge então como unidade de referência em Ciências Marinhas com um claro perfil multidisciplinar. Sem claros guiões (oferta educativa), num limbo legal (centros de investigação), com pouco ou nenhum apoio da região e dentro duma estrutura dominada por corpos colegiais o impressionante crescimento da academia fez-se com um enorme dispêndio energético e temporal de todos os envolvidos. Não escrevi nenhum artigo científico durante 6 anos!

Reflexão 2: O conhecimento científico e o reconhecimento da sua importância na sociedade constroem-se através das gerações e não em alguns anos.

A voltar para casa da Ilha de Faro numa noite chuvosa de Outubro 1995, para não atropelar um ciclista não iluminado, embati frontalmente contra o carro do meu colega Afonso Dias que acabou, com a sua família, no lodo da Ria Formosa. Os dois carros ficaram destruídos, o ciclista desapareceu, mas ninguém ficou machucado.

Reflexão 3: A visibilidade de ciclistas que rumam a noite para Ilha de Faro é muito importante para a segurança rodoviária.

O curso de Ciências do Mar acabou de ser lançado em 1998, o ano da EXPO-98. Em vez de aglutinador tornou-se um osso de discórdia entre os docentes dos diferentes quadrantes científicos da então Faculdade de Ciências do Mar e do Ambiente. No mesmo ano o CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental separou-se do CCMAR, integrando sobretudo os investigadores do setor não biológico. Tanto por razões pessoais, como por causa de falta de incentivo e do enquadramento abrangente das ciências marinhas, a ideia duma grande unidade interdisciplinar ficou hipotecada. Entretanto o generoso sistema de financiamento

nacional da ciência criado pelo Prof. José Mariano Gago continuou até o fim da 1ª década do século XXI. Passamos a gerir, vários projetos de investigação, frequentemente em paralelo. Dada a inexistência dum quadro legal próprio, a gestão da investigação foi e é forçosamente equiparada à gestão duma cantina ou da construção duma ponte, num labiríntico sistema administrativo-financeiro público em constante mutação. O docente-pesquisador vê assim o grosso da sua dedicação temporal ser gasta nas autorizações, pedidos de autorizações, justificações das despesas, organização dos concursos e consultas, relações públicas com os fornecedores desesperados e de vez em quando, se o tempo permitir, discussões da ciência com os mestrandos e doutorandos. A coordenação do centro de investigação que assegurei durante 18 anos possuía as mesmas características. Apesar disso, junto com os meus colegas decidimos que o CIMA devia manter-se dentro da estrutura institucional da UALG e não formar a sua identidade jurídica própria. Afinal o enquadramento administrativo ia melhorar, os procedimentos iam ser mais lógicos e fáceis de seguir e de resto a nossa academia ia se fortalecer. Provavelmente foi um erro.

Reflexão 4: A formação académica através da investigação melhorará muito se a tramitação administrativa dos projetos for racionalizada para ser compatível com os desafios do século XXI

A primeira década do século XXI testemunhou um grande terramoto no mundo académico: o processo de Bolonha. Foi de inspiração neoliberal e teve por objetivo tirar do orçamento do estado o custo do segundo ciclo de formação universitária, e transferi-lo para o orçamento das famílias. Entre janeiro e junho 2006 cerca de 1200 licenciaturas foram adequadas ao dito processo em Portugal, sem diretivas claras, mas com a necessidade de descrever detalhadamente a metodologia em eduquês rigoroso, os conteúdos e sobretudo a aquisição das competências que passaram ser mais importantes de que os conhecimentos. Como se competências pudessem ser separadas dos conhecimentos.

Os fatores alheios a qualidade da formação, tais como a preservação do serviço docente em forma pouco alterada, pesaram muito no resultado do processo de Bolonha, que, na minha opinião, refletiu-se de forma negativa na qualidade da formação académica.

Reflexão 5: A formação académica é um processo muito complexo. A alteração da sua parte formal, sem claros objetivos, não contribui necessariamente a sua melhoria. Antes pelo contrário

Entre 2007 e 2011 tive o prazer de participar num grande projeto europeu sobre a integração da ciência e política em gestão das zonas costeiras. Pela primeira vez fui confrontado com a necessidade de dialogar com cientistas sociais, artistas, biólogos, modeladores, químicos e geólogos acerca dos sistemas costeiros escolhidos como objetos comuns de investigação. Vi com a estupefação como é difícil sair das zonas de conforto linguístico e formalismos associados que são característicos para os domínios científicos tradicionais. Felizmente vi também que estas barreiras, fundamentalmente de natureza lexical à primeira vista intransponíveis, podem ser vencidas. Os resultados foram surpreendentes e alargaram a compreensão do funcionamento de sistemas naturais em que as atividades humanas se tornaram um fator forçador das mudanças ambientais locais e globais.

Afinal a ciência integrada não é um chavão apenas indispensável para conseguir financiamento, mas pode ser conseguida e trazer os benefícios tanto académicos como também para os utentes socioeconómicos dos dados e soluções obtidos. As iniciativas para implementar esta filosofia no CIMA e na UALG já foram lançadas algumas vezes, mas acredito que deviam contar tanto com um contínuo apoio institucional como dos financiadores.

Reflexão 6: Existem áreas inexploradas entre domínios tradicionais de ciências naturais e sociais com grande potencial para desenvolvimento e para a aproximação entre academia e a sociedade/região. Para uma Universidade média/pequena como a UALG a interdisciplinaridade constitui uma valiosíssima reserva temática.

Durante as últimas 2 décadas, a indústria de conhecimento e investigação associada ao 3º ciclo de estudos universitários produziu muita ciência publicada por jovens investigadores, agora doutorados. A maior parte dessas pessoas, que são mais de 20 mil a nível nacional, encontram-se em situação de bolseiro emérito, com grande incerteza em relação ao seu futuro profissional. Por outro lado, todos aqui presentes concordarão que hoje em dia é difícil de encontrar um docente universitário, salvo um careca, que não tenha cabelos grisalhos. É uma situação paradoxal e perigosa para o futuro das Universidades, incluindo a nossa. Tal como já referi, a formação universitária é uma atividade complexa e a sua continuidade deve ser assegurada no processo de transferência de conhecimentos e da experiência entre as gerações de docentes. A partilha de docência, no mínimo durante alguns semestres, é única forma em que a passagem de testemunho pode ser consumada. Embora o processo de contratação dos já não tão jovens doutorados ter sido iniciada, a sua morosidade e limitações

não auguram uma mudança de guarda harmoniosa. Pessoalmente não tive a oportunidade de partilhar a minha experiência com ninguém. Creio que nenhum dos meus colegas teve. Se ignorarmos a compra de instrumentação no âmbito de projetos de investigação o dilema de renovação aplica-se de forma semelhante aos equipamentos.

Reflexão7: Salvo alguma mudança radical a continuidade da didática universitária corre sérios riscos.

As 3 décadas passadas na UALG proporcionaram-me também os contatos com colegas em 4 continentes, colocaram-me em posição de avaliado e de avaliador e permitiram conhecer o funcionamento de dezenas de universidades. Dai surge a última reflexão.

Reflexão 8:

A UALG possui um bom corpo docente, de investigação e administrativo

Várias áreas de formação/investigação são de nível internacional.

Há áreas que não estão ainda a nível de competitividade global

A complexidade do quadro académico formal e administrativo faz com que muita energia humana seja consumida dentro do sistema, comprometendo seriamente a criação da academia de que o País e a Região estão a espera.

Se me fosse dada a oportunidade de escolher o sítio e a instituição para o exercício da minha profissão, escolheria novamente a Universidade do Algarve.

A todos presentes desejo um grande jantar, um grande Natal e feliz 2019.

Professor Tomasz Boski